



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



PRÁTICAS CULTURAIS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE ILHA SOLTEIRA/SP

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Gabriel Reis de Carvalho

TRÊS LAGOAS
2023



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Gabriel Reis de Carvalho

PRÁTICAS CULTURAIS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE ILHA SOLTEIRA/SP

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Rodrigues Pereira

TRÊS LAGOAS
2023



Gabriel Reis de Carvalho

PRÁTICAS CULTURAIS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE ILHA SOLTEIRA/SP

Monografia apresentada à Banca Examinadora em:

05 de junho de 2023 e foi considerada aprovada.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valéria Rodrigues Pereira - Orientador/a

Me Prof. Me. Bruna Dienifer Souza Sampaio

Prof. Dr. Jodenir Calixto Teixeira



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Este trabalho é dedicado a vocês, que estão sempre em luta pelos direitos LGBTQIAPN+ e por cada vez mais conquistando o seu devido espaço no mundo.



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, professora Dra. Valéria Rodrigues Pereira, por tomar para si a responsabilidade de orientar um trabalho sobre a temática dos Estudos de Gênero e Sexualidade. Obrigado por ter acreditado no meu potencial e, acima de tudo, ter compreendido a minha existência enquanto uma pessoa LGBTQIAPN+.

Agradeço também aos professores e professoras da banca por aceitarem contribuir com este trabalho de conclusão de curso.

Oportuno agradecer meus entrevistados por aceitarem fazer parte da pesquisa. Quero agradecer, ainda, aos meus amigos, por compartilhar momentos de alegrias e tristezas neste percurso acadêmico.

À minha mãe, Lucimara Aparecida dos Reis, agradeço por ser a pessoa que mais me apoiou na escolha do curso de Geografia e por proporcionar o suporte emocional necessário em toda a minha trajetória.

Por fim, quero agradecer ao meu namorado, Marcos da Cruz Alves Siqueira, por ter dedicado horas comigo durante a pesquisa e por ter suportado todas as minhas inseguranças e angústias. Seu amor, carinho e apoio tornaram possível a conclusão da minha monografia.



RESUMO

O presente trabalho buscou investigar as práticas culturais da comunidade LGBTQIAPN+ na cidade de Ilha Solteira/SP. Deste modo, os objetivos desta pesquisa são compreender as relações de poder dentro dos contextos gêneros e quais as práticas culturais caracterizam a comunidade LGBTQIAPN+ em Ilha Solteira/SP. Nesse percurso, discutimos como os espaços de convivência de pessoas LGBTQIAPN+ coproduzem significados de gênero, sexualidade e os limites de pensar como a geografia pode influenciar no modo de ser, viver e resistir em sociedade. Para alcançar nossos objetivos, trilhamos o caminho da pesquisa qualitativa por meio da observação e perguntas semiestruturadas para pessoas da comunidade elencada acima. Neste percurso foram entrevistadas 7 pessoas de diferentes idades e espaços na cidade de Ilha Solteira que se identificam na sigla LGBTQIAPN+. Apresentamos alguns resultados da nossa pesquisa: um dos primeiros apontamentos que podemos fazer é a ausência de espaços físicos públicos e/ou privados de lazer e cultura que se identificam com a causa LGBTQIAPN+. Essa ausência de espaços direcionados ao público LGBTQIAPN+ leva ao segundo ponto que é a insegurança da comunidade em expressar seus afetos, outro resultado que podemos apresentar, é que a cidade de Ilha Solteira/SP apenas oferece eventos e/ou algum lazer apontado pelos participantes, para o público jovem. Por fim, consideramos que esta pesquisa vem a contribuir para compreender as relações sociais e de poder da população LGBTQIAPN+ e seus envolvimento com a comunidade e as influências que o espaço geográfico proporciona no modo de pensar a existência deste grupo.

Palavras-Chave: Geografia. Cultura. Sociedade. Gênero. Sexualidade.



RESUMEN

El presente trabajo buscó investigar las prácticas culturales de la comunidad LGBTQIAPN+ en la ciudad de Ilha Solteira/SP. Así, los objetivos de esta investigación son comprender las relaciones de poder en contextos de género y qué prácticas culturales caracterizan a la comunidad LGBTQIAPN+ en Ilha Solteira/SP. En el camino, discutimos cómo los espacios de vida de las personas LGBTQIAPN+ coproducen significados de género, sexualidad y los límites del pensamiento sobre cómo la geografía puede influir en la forma de ser, vivir y resistir en sociedad. Para lograr nuestros objetivos, seguimos el camino de la investigación cualitativa a través de la observación y preguntas semiestructuradas para personas de la comunidad mencionada anteriormente. En este recorrido fueron entrevistadas 7 personas de diferentes edades y espacios de la ciudad de Ilha Solteira que se identifican con la sigla LGBTQIAPN+. Presentamos algunos resultados de nuestra investigación: una de las primeras notas que podemos hacer es la ausencia de espacios físicos públicos y/o privados de ocio y cultura que se identifiquen con la causa LGBTQIAPN+. Esta ausencia de espacios dirigidos al público LGBTQIAPN+ lleva al segundo punto, que es la inseguridad de la comunidad en expresar sus afectos, otro resultado que podemos presentar, es que la ciudad de Ilha Solteira/SP sólo ofrece eventos y/o algún ocio apuntado a cargo de los participantes, para un público joven. Finalmente, consideramos que esta investigación contribuye a comprender las relaciones sociales y de poder de la población LGBTQIAPN+ y su involucramiento con la comunidad y las influencias que el espacio geográfico brinda en la forma de pensar la existencia de este grupo.

Palabras clave: Geografía. Cultura. Sociedad. Género. Sexualidad.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Localização de Ilha Solteira/SP.....	23
Figura 2 - Praça dos Paiaguás 2023 em Ilha Solteira/SP, Brasil.....	26
Figura 3 - Exposição: Orgulho & Identidade.....	27



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Divisão Socioprofissional de Acordo com CESP.....	25
Quadro 2 – Dados dos Sujeitos Participantes da Pesquisa.....	30



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+	13
2. RELAÇÕES ENTRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+ E PRÁTICAS CULTURAIS	17
3. METODOLOGIA	20
4. CONHECENDO A ÁREA DE PESQUISA: ILHA SOLTEIRA/SP	22
4.1 Práticas Culturais da Comunidade LGBTQIAPN+ em Ilha Solteira/SP	28
4.2 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa	29
5. DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA.....	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42



INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso faz uma interface entre geografia e os estudos de gênero e sexualidade por meio de práticas culturais de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuados, Pansexuais, Não-binárias (LGBTQIAPN+). A questão norteadora do trabalho é: como a pesquisa compreende as práticas culturais caracterizam a comunidade LGBTQIAPN+ em Ilha Solteira/SP?

Neste percurso, vamos discutir como os espaços de convivência de pessoas LGBTQIAPN+ coproduzem significados de gênero, sexualidade e os limites de pensar como a geografia pode influenciar no modo de ser, viver e resistir em sociedade. Deste modo, a pesquisa irá se desenvolver na cidade de Ilha Solteira/SP por ser local de convivência do graduando, e que também se identifica como uma pessoa LGBTQIAPN+. Um dos pontos principais da pesquisa deu-se o mapeamento de alguns locais do público elencado acima; assim, vamos explicar mais adiante como será realizado esse processo. Além disso, nesta pesquisa realizaram-se entrevistas no intuito de identificar os espaços frequentados por essa população e, por meio das narrativas, problematizar as tensões e pertencimento do público LGBTQIAPN+ aos locais por eles citados. Vale salientar que, neste trabalho, utilizamos o gênero masculino na escrita, já que o pesquisador se identifica como um homem cisgênero gay. Quando for possível flexibilizar o gênero, faremos o melhor para não deixar a escrita totalmente masculina.

Para alcançar nossos objetivos, trilhamos o caminho da pesquisa qualitativa por meio da observação e perguntas semiestruturadas para pessoas da comunidade acima mencionada. Neste percurso, foram entrevistadas 7 pessoas de diferentes idades e espaços da cidade de Ilha Solteira, que se identificam na sigla LGBTQIAPN+. Por fim, consideramos que esta pesquisa vem a contribuir para compreender as relações sociais e de poder da população LGBTQIAPN+ e seus envolvimento com a comunidade e as influências que o espaço geográfico proporciona no modo de pensar a existência deste grupo.



Assim, nesse processo de coleta, análise e escrita, compreendemos as vivências e experiências como ponto decisivo para entender as escolhas dos espaços e as histórias de vida que possibilitam pensar os discursos que são construídos sobre esses espaços e estabilizar discursos de ódio.

Deste modo, apresentamos as seções como uma forma de indicar ao leitor o caminho trilhado durante a nossa pesquisa. Na primeira seção, apresentamos alguns marcos históricos do movimento LGBTQIAPN+ no mundo, com ênfase no Brasil. Nessa mesma seção, há uma apresentação da constituição dos direitos e políticas públicas que amparam e protegem tal grupo. Toda a sigla referente ao movimento LGBTQIAPN+ é apresentada por meio de explicação teórica e cada letra será explicada de acordo com sua trajetória, assim, compreendemos que o intuito das letras que compõem o movimento sexual no Brasil é abranger cada vez mais identidades.

Na segunda seção, intitulada de “Relações Entre a Comunidade LGBTQIAPN+ e Práticas Culturais”, vamos discutir como o conceito de cultura contribui para pensar as práticas da comunidade gay e vice-versa, bem como as discussões dele advindas, que irão problematizar sobre os espaços ocupados por indivíduos LGBTQIAPN+ na cidade de Ilha Solteira e suas relações com a comunidade ilhense.

Na terceira seção - metodologia de pesquisa -, utilizamos dados qualitativos por meio de teorias e conceitos do campo da geografia, gênero, sexualidade e cultura. Para fundamentar a pesquisa, realizamos entrevistas com o total de 7 participantes e, por uma questão ética, utilizamos nomes fictícios baseados em um *reality show* de *Drag Queens* brasileiro, “Caravana das Drags”, em suas nomenclaturas de identificação.

Na quarta seção, exploramos o recorte espacial da pesquisa, o município de Ilha Solteira/SP, que pertence ao estado de São Paulo. Elaboramos um mapa de autoria própria, mas com dados recolhidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O mapa tem como objetivo localizar o espaço que deu



origem à pesquisa. Em seguida, fazemos reflexões sobre as práticas culturais e as relacionamos com as questões de gênero e sexualidade.

Na quinta seção, há todo o resultado levantado através de mecanismos apropriados para a realização desta monografia, através das teorias, dados qualitativos, ilustrações, imagens e um mapa.

O sexto tópico é composto pelas conclusões encontradas através de todo o material pesquisado, no qual revelamos todas as respostas e até mesmo respondemos a certas dúvidas sobre as práticas culturais da comunidade LGBTQIAPN+ em Ilha Solteira.

Por fim, apresentamos todo o referencial teórico e estatístico para a realização desta monografia repleta de conhecimentos LGBTQIAPN+ em uma ótica geográfica.

1. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+

Antes de avançarmos nas discussões, é preciso destacar e explicar a sigla LGBTQIAPN+, que é um dos marcos do movimento sexual, a qual é importante para o movimento, pois é a partir da união dessas várias letras que diversas pessoas se reconhecem e lutam por direitos e espaços de sociabilidade. Por isso, apresentar a sigla na introdução é um dos pontos de partida para orientar o/a leitor/a sobre a comunidade que será analisada e apresentar um pouco da história desse movimento que a cada dia vem conquistando espaço em nossa sociedade.

A comunidade LGBTQIAPN+ está cada vez mais lutando por direitos, espaços e ações em nossa sociedade, que é resultado de muita dor e resistência. As letras que compõem a sigla são mais que um agrupamento de letras e significados; elas representam, em um aspecto amplo, um movimento formado por milhares de pessoas que defendem a diversidade e que buscam mais direitos, respeito e representatividade. Além disso, a sigla tem uma historicidade que mostra ao longo dos anos a formação desse movimento sexual.



Cada mudança é representada como um ato político e entendimento das próprias pessoas enquanto movimento.

Para Conde (2004), a história do movimento homossexual brasileiro é um pouco fragmentada, pois, cada lugar carrega a sua trajetória de forma particular, mas que se complementam enquanto movimento. Então, para facilitar o entendimento dessa mudança na sigla e na composição do próprio movimento LGBTQIAPN+ destacam-se alguns fatos e acontecimentos que, de certo modo, marcaram a história do movimento homossexual a partir da bibliografia analisada sobre essa população. Durante os anos 1980, a sigla que nomeava o movimento era GLS (gays, lésbicas e simpatizantes).

A partir de 1990, por meio de conferências e discussões, a abreviatura tornou-se GLBT (inclusão de bissexuais e pessoas trans). A mudança para LGBT veio a partir da luta de mulheres lésbicas que passaram a questionar o próprio movimento, ao dizer que as mulheres lésbicas sofriam violências tanto pelo fato de serem mulheres quanto lésbicas. Com isso, o movimento, acatando essa reivindicação, passa a dar notoriedade às mulheres lésbicas, incluindo à sigla a letra L no início. Para Conde (2004), recentemente outros termos foram incorporados e passou-se à denominação LGBTQIAPN+, sendo:

- Lésbicas - diz respeito as mulheres (cisgênero ou transgênero).
- Gays - uma orientação sexual e se refere a homens (cisgênero ou transgênero).
- Bissexual – refere-se às pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo gênero ou do gênero oposto, sejam essas pessoas cis ou trans.
- Transexuais, Transgêneros, Travestis – relacionam-se à identidade de gênero e não à sexualidade.
- Queer - qualquer pessoa que não se enquadre na heteronormatividade, ou seja, que não se sente definida por nenhuma letra da sigla, pois concordam que os rótulos não podem restringir a magnitude da sexualidade. A título de informação, vale destacar que alguns teóricos não



reconhecem o queer (“esquisito”, em tradução literal) como identidade sexual, uma vez que o movimento queer é anti-identitário. Todavia, algumas pessoas passam a se denominar queer por se reconhecerem como pessoa que foge à norma sexual vigente - a heterossexual.

- Intersexo - pessoa que nasceu com a genética diferente do XX ou XY e tem a genitália ou sistema reprodutivo fora do sistema binário homem/mulher.
- Assexual - pessoa que não sente nenhum interesse erótico sexual por qualquer gênero.
- Pansexualidade – pessoa que sente atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.
- O símbolo + - constitui as demais orientações que o movimento não conseguiu nomear; representa, portanto, outras nomenclaturas sexuais que possam surgir, dada a singularidade de cada um em termos de sexualidade.
- Não-binariedade - pessoa que não se percebe em acordo com o sistema binário homem/mulher, transitando entre as infinitas possibilidades de existência de gênero.

As letras referentes à “*Drag Queen*” não fazem parte da sigla e se referem unicamente a uma expressão artística. E, apesar de não configurar na sigla, o documento paranaense intitulado “Manual de Comunicação LGBTI+ (2018)” traz a definição de “aliado” que, de acordo com o manual, “são pessoas que, na hora do confronto, estão ao lado da comunidade LGBTQIAP+, rejeitando a posição isenta ou neutra na hora de defender as suas pautas”.

Depois de conhecer um pouco sobre o significado das siglas, salientamos que a visibilidade dessa comunidade decorre de um processo resultante dos movimentos sociais que tiveram início na Europa do século XX, que coadjuva os direitos civis dos homossexuais. Ao longo das décadas, as questões acerca da sexualidade e da política, e de como essas se articulam atualmente, têm se destacado com vigor (CONDE, 2004).



No Brasil, a luta por direitos à diversidade sexual passa a ter visibilidade depois de intensos protestos na América do Norte e na Europa, onde ocorreram diversas manifestações contra a repressão que pessoas homossexuais sofriam por parte da polícia, impedidas até mesmo de frequentar bares, escolas ou outros locais por serem taxados como pervertidos sexuais (CONDE, 2004). No Brasil, o movimento homossexual começa a se consolidar durante a década de 1970, período este caracterizado pela ditadura militar. Assim, por conta da repressão e do processo higienista da ditadura, o movimento LGBTQIAPN+ vai se constituindo como oposição ao processo de repressão. Além disso, em 1981, devido à epidemia de HIV-Aids e a ataques de diversos setores da sociedade contra a população gay, a comunidade LGBTQIAPN+ é acusada de trazer o “Câncer gay”; com isso, muitas pessoas homossexuais são proibidas de frequentar determinados espaços coletivos. Deste modo, um dos indicadores de locais seguros para que pessoas LGBTQIAPN+ pudessem frequentar passou a ser uma bandeira com as cores do arco-íris.

Posteriormente, apesar do pouco reconhecimento, a comunidade conquistou importantes direitos civis no Brasil, como a Lei nº 122/06, aprovada no dia 13 de junho de 2019 para criminalizar a discriminação com base exclusivamente na orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa. No mesmo ano, o país tornou-se reconhecido pela maior parada LGBTQIAPN+ do mundo, com a participação de mais de 4 milhões de pessoas em São Paulo. Assim, sendo referência como uma das maiores práticas culturais aqui e em diversos outros países, a comunidade LGBTQIAPN+ está hoje tomando ruas, casas, parlamento, lugares onde antes jamais esteve de forma tão visível (CONDE, 2004).

Portanto, ao investigar um pouco a história do movimento LGBTQIAPN+ e os espaços de sociabilidade dessa população, decidi escolher para minha investigação a cidade Ilha Solteira/SP, a qual farei posteriormente uma caracterização, pois é onde resido e tenho contato próximo com pessoas LGBTQIAPN+.



2. RELAÇÕES ENTRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+ E PRÁTICAS CULTURAIS

Sabemos que o termo “cultura” reúne diversas perspectivas e interpretações e, para este estudo, concordamos com Claval (2002, p. 21), quando afirma que uma das concepções sobre cultura compreende “[...]um conjunto de atitudes e de costumes que dão ao grupo social a sua unidade.” Tal concepção tem um papel importante na construção das identidades coletivas. Para Branco (2006), a cultura se consolida pela relação entre os sujeitos:

O fundamental papel constitutivo da cultura no desenvolvimento humano dá-se nas experiências cotidianas de participação nas práticas socioculturais do grupo (ROGOFF, 1990; 2005), nas interações sociais. É no contexto de tais interações que a comunicação e a metacomunicação desempenham importante papel co-constutivo no desenvolvimento da pessoa, suas características e self dialógico[...] (BRANCO, 2006, p. 142).

Desse modo, buscamos identificar quais são as práticas culturais designadas à comunidade LGBTQIAPN+, se há espaços totalmente voltados a ela ou, ainda, se há uma adaptação e apropriação da mesma em uma cultura predominantemente heteronormativa. É preciso destacar que as práticas culturais de pessoas LGBTQIAPN+ por muitos anos não foram reconhecidas como concepção cultural ou identidade coletiva. Segundo Prado e Machado (2012), isso ocorre porque o movimento LGBTQIAPN+ no Brasil surge de forma informal nas periferias, bares, clubes, praças e, muitas vezes, esses locais eram vistos pela sociedade heteronormativa como locais para se fazer sexo, ou seja, alguns locais eram nomeados pela sociedade da época como locais para perversão. Segundo os mesmos autores, a sociedade heterossexual, juntamente com outras instituições, tais como justiça, religião, saúde, etc., “sustentam a naturalização do significado da diferenciação grupal” (PRADO; MACHADO, 2012, p. 26). Essa diferenciação coloca as pessoas LGBTQIAPN+ que frequentam determinados locais como “sexualmente pervertidas”.



Por meio da diferenciação grupal, as práticas culturais das pessoas LGBTQIAPN+ passam a ser analisadas por essas instituições como de “caráter duvidoso”. Para romper com este estigma social, foi preciso que outras áreas pudessem colaborar, como a arte e a mídia.

Para Colling (2009), foi preciso muita luta para o reconhecimento das práticas culturais do movimento LGBTQIAPN+ na sociedade. Havia uma criminalização dos espaços que o público gay podia frequentar; assim, a arte, por meio do questionamento da sociedade sobre as normas sexuais, passa a problematizar as regras estabelecidas, seja por meio da dança, do cinema, da novela, do teatro, das artes visuais, entre outras. A mídia também teve um papel decisivo. Vale lembrar que a população LGBTQIAPN+ criou o jornal “O Lampião da Esquina” para denunciar alguns crimes contra o público gay que não eram divulgados em jornais da época. Após a criação desse jornal, muitos veículos de comunicação passaram a noticiar matérias sobre o público LGBTQIAPN+. Com isso, a arte e a mídia passam a colaborar de forma decisiva para reafirmar os valores das práticas culturais desse público. Ademais, é por meio da arte e da mídia que esses conjuntos inesgotáveis de instâncias culturais vão caracterizar o que chamamos de práticas culturais.

Os autores e autoras que tomamos por bases para esta pesquisa são Joseli Maria Silva (2007), Guilherme Engelman Bortoletto (2019), Wanderley Gomes de Oliveira (2020), Kamila Teischmann (2020) e demais autores, os quais/as quais pesquisaram toda a trajetória da comunidade LGBTQIAPN+ até os dias de hoje, além dos trabalhos relacionados à abordagem cultural e à produção da ciência geográfica de maneira geral.

Nesse sentido, destacamos Paul Claval (2011), por afirmar que são as pessoas, de modo individual e coletivo, que constroem e reconstróem a cultura por meio de elementos transmitidos e até aqueles que são inventados, como palavras, gestos e utilização de mídias modernas. Além disso, em uma análise sobre a abordagem cultural em geografia, o autor destaca o papel do tempo nesse processo:



A geografia cultural dá uma grande atenção ao indivíduo. Mas para ela, ele não aparece como uma entidade que existe desde o nascimento. Ele é uma construção, é uma construção ligada ao processo de transmissão das práticas, das atitudes, dos conhecimentos e das crenças. Esse processo é contínuo, mas o seu ritmo muda com a idade. Ele é mais intenso para as crianças. Ele passa, depois, por fases diversas: na adolescência existe um momento crucial onde a internalização dos valores do grupo dá uma coerência à cultura de cada um – mas o processo não se firma. Pequenas modificações e adaptações ocorrem no curso do tempo, especialmente quando o contexto muda. Crises de conversão são igualmente possíveis, quando o edifício da cultura individual é subvertido pela adesão a outros valores.” (CLAVAL, 2011, p. 16-17)

Por isso, é mais que urgente discutir e problematizar questões referentes à geografia e à relação de gênero, sexualidade e poder, pois, quando nos referimos à geografia cultural, também nos referimos às mudanças no indivíduo e no processo que o constitui como cidadão. Bortoletto (2019) vem acrescentar a essa discussão ao propor uma reflexão a respeito da identidade da comunidade LGBTQIAPN+, apresentando uma análise de como a alteridade criada especialmente pela força midiática influencia o que entendemos como comunidade LGBTQIAPN+.

Esse estudo mostrou que o ponto mais forte da identidade da comunidade LGBTQIAPN+ é a luta contínua contra o preconceito sofrido por essas pessoas, aspecto não fundamental na exposição desses indivíduos pela mídia. Oliveira (2020) reforça que, no Brasil, a luta pelos direitos humanos da diversidade sexual surgiu mais tarde que na América do Norte ou Europa. Apesar de possuir poucos recursos humanos e materiais, alcançou importantes conquistas no reconhecimento dos direitos humanos, bem como de cidadania. Como indicamos antes, em 13 de junho de 2019, foi promulgada a Lei de nº 122/06 que visa criminalizar a discriminação motivada unicamente na orientação sexual ou na identidade de gênero da pessoa discriminada. Torno a repetir essa lei no texto por ser um ato político que permitiu à população LGBTQIAPN+ frequentar espaços e, caso venha a sofrer qualquer violência, essa será passível de julgamento pela justiça. São essas conquistas que possibilitam às pessoas



LGBTQIAPN+ construir o seu orgulho e que o movimento no Brasil possa se consolidar na garantia de direitos dessa população.

Para Teischmann (2020), alguns marcos históricos são importantes para fortalecer a luta do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil. São esses atos que incentivam pessoas que fogem à norma heterossexual a se unirem em prol de um bem coletivo.

Quando pensamos que este movimento tem mais de 40 anos de história, conseguimos dimensionar sua trajetória e o tempo de luta para garantir e consolidar direitos sexuais. Isso explica por que o movimento floresceu em plena ditadura militar e, nesse sentido, não são poucas as referências a esse período que, catalisando um sentimento reacionário difuso em um discurso coeso, associou a homossexualidade a uma forma de degeneração e de corrupção da juventude, referindo-se a uma ditadura hétero-militar, dada a uma política sexual oficializada e institucionalizada no período.

Diante do exposto, é preciso reconhecer que as práticas culturais de pessoas LGBTQIAPN+ durante um período da história foram analisadas como “caráter duvidoso”, “pervertidas” e de cunho sexual. Essas práticas também estavam associadas a determinados lugares que esse público frequentava.

3. METODOLOGIA

Por meio da abordagem qualitativa em pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 2003; GIL, 1999, 2002) a pesquisa obteve desenvolvimento com embasamento teórico no tema, com leituras e revisões bibliográficas. Isso possibilitou compreender a interface da geografia com os estudos de gênero. Verificamos na revisão bibliográfica caminhos possíveis para pensarmos na abordagem com a população LGBTQIAPN+ em Ilha Solteira/SP e o modo de tratamento por meio da entrevista. Além disso, as leituras e revisões bibliográficas auxiliaram na construção de perguntas.



Após a revisão da bibliográfica fomos para a parte de coleta de dados que foram realizadas por meio de entrevistas e questionários semi estruturados direcionados a um grupo de sete pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, moradoras na área da pesquisa.

Para Lakatos e Marconi (2003) a revisão bibliográfica possibilita pensar caminhos possíveis para o desenvolvimento de estratégias e ações na pesquisa. Com isso, quando verificamos outras pesquisas que foram executadas conseguimos projetar as coletas de dados de forma a não cometer os mesmos erros que foram cometidos. Outro fator importante que as pesquisadoras citadas acima destacam é a observação, após adentrar a literatura o pesquisador precisa observar se a literatura aproxima das questões cotidianas, ou seja, do seu objeto de estudo. Desta forma, após o conhecimento da literatura sobre o tema, passamos a observar os locais que o público LGBTQIAPN+ frequenta na cidade de Ilha Solteira. Essa observação faz-se necessária para reconhecimento e aproximação de diálogo quando as entrevistas foram realizadas. Vale lembrar, que os dados coletados na pesquisa precisam de uma organização para atender os objetivos e mostrar para o leitor o caminho percorrido pelo pesquisador. Assim, os dados coletados foram registrados e organizados no formato de tabela com dados sobre os/as entrevistados/as e com as perguntas e respostas com a finalidade de realizar análise para atender os objetivos do trabalho, sendo as transcrições de entrevistas um instrumento significativo para compreensão das práticas culturais presentes e acessíveis para comunidade composta pela sigla LGBTQIAPN+ no espaço urbano de Ilha Solteira/SP.

As entrevistas foram realizadas com sete (07) pessoas membros da comunidade LGBTQIAPN+, as escolhas dessas pessoas se baseiam em alguns critérios; como maior distinção possível de identidades de gênero e sexualidade, que logram em bairros diferentes para compreendermos os locais que frequentam, a relação com este espaço de lazer e as atividades que realizam. Para a coleta de dados entramos em contato via telefone e pessoalmente com membros da comunidade LGBTQIAPN+ seguindo o critério elencado acima. Assim, para facilitar a análise das entrevistas e o mapeamento dos locais de



práticas culturais da comunidade, resolvemos dividir as entrevistas em blocos. Deste modo, cada bloco será analisado de forma individual com apontamentos, problematizações por parte do pesquisador. Tomamos essa decisão porque ao dividir em blocos podemos inserir na pesquisa conceitos teóricos. Por exemplo, em âmbito geográfico, a pesquisa foi ambientada em alguns conceitos teóricos que auxiliaram na fundamentação de alguns conceitos, tais como: as questões de gênero, relações de poder, cultura e como isto se relaciona nos espaços urbanos.

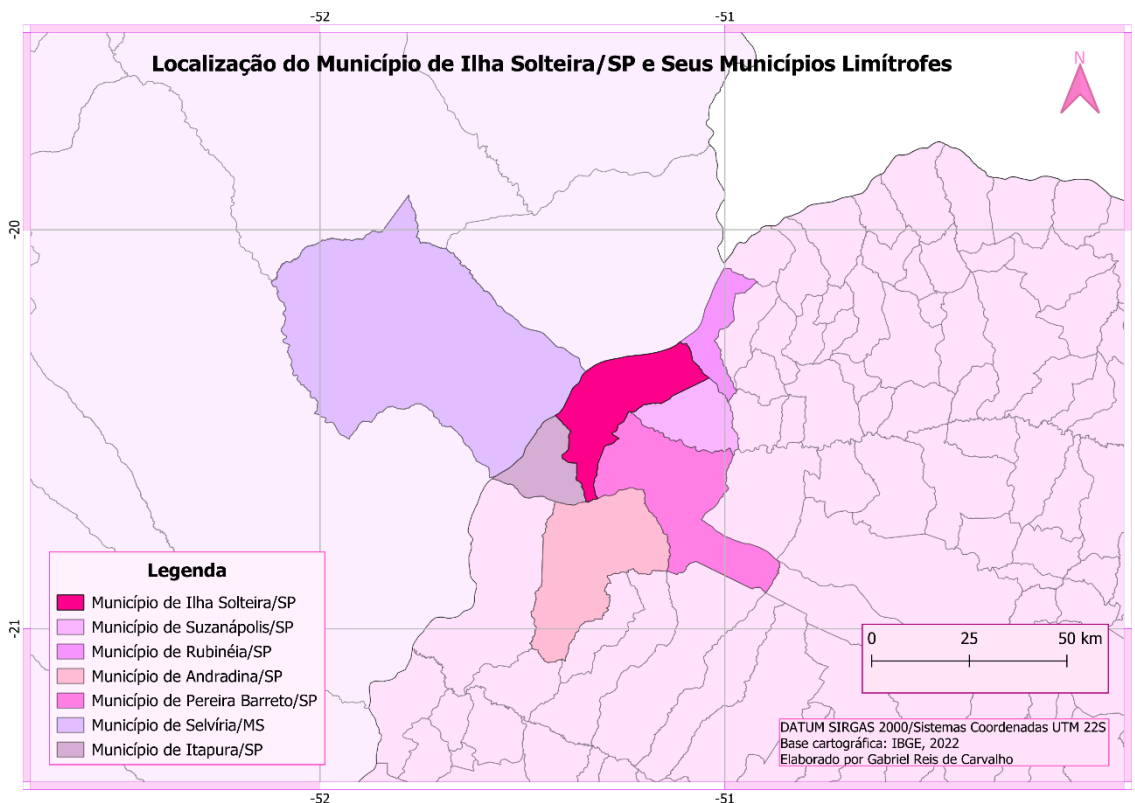
Por fim, a abordagem metodológica por meio da revisão bibliográfica seguida da observação e coletas de dados por meio das entrevistas possibilitou pensar, problematizar e tensionar as práticas culturais da comunidade LGBTQIAPN+. Desta forma, vamos na próxima seção apresentar os conceitos de práticas culturais.

4. CONHECENDO A ÁREA DE PESQUISA: ILHA SOLTEIRA/SP

A cidade de Ilha Solteira localiza-se na margem paulista do Rio Paraná, logo abaixo da confluência com o Rio São José dos Dourados. Dista 60 km de Santa Fé do Sul, 42 km de Pereira Barreto, 70 km de Andradina, 15 km de Selvíria (MS), 170 km de Araçatuba, 220 km de São José do Rio Preto e 663 km de São Paulo. Tem como municípios limítrofes Selvíria a oeste (MS); Suzanápolis a nordeste; Rubinéia a noroeste; Pereira Barreto a leste; Itapura ao sul; e Andradina a sudeste (ILHA SOLTEIRA, 2023).



Figura 1 – Mapa de Localização de Ilha Solteira/SP



Fonte: DATUM SIRGAS 2000, Sistema de Coordenadas UTM 22S. Base cartográfica do IBGE (2022). Elaborado por Gabriel Reis de Carvalho (2023).

De acordo com o mapa apresentado na figura 1, destaca-se a localização precisa do município de Ilha Solteira/SP. Encontra-se demarcada em uma coloração rosa ao extremo noroeste do estado de São Paulo, no qual é representado pelo tom de roxo mais claro na imagem. Na parte inferior à esquerda do mapa, temos uma legenda com a representação dos municípios limítrofes de Ilha Solteira. No mapa, os municípios limítrofes encontram-se em tons mais pastéis de rosa e roxo, para que o município em questão da pesquisa não seja ofuscado.

Considerado um centro de alta influência nos municípios vizinhos, o município de Ilha Solteira é do entorno da região de Andradina, São Paulo. Dentro de sua área de influência, a cidade atrai a maior parte dos visitantes para estudos. Ilha Solteira é o 3º município mais populoso da pequena região de Andradina, com 26,9 mil habitantes. O PIB da cidade é de cerca de R \$678,4



milhões de reais, sendo que 61,9% do valor adicionado advém dos serviços; na sequência, aparecem as participações da administração pública (21,2%), da agropecuária (21,2%) e da indústria (5,2%) (BRASIL, 2010).

Com essa estrutura, o PIB per capita de Ilha Solteira é de R\$ 25,3 mil, valor inferior à média do estado (R\$ 51,4 mil), da grande região de Araçatuba (R\$ 33,8 mil) e da pequena região de Andradina (R\$ 35,7 mil) (BRASIL, 2010). O município de Ilha Solteira foi criado em 30 de dezembro de 1991. Suas mais antigas referências datam de 30 de novembro de 1944, quando se tornou distrito do município de Pereira Barreto com o nome de Bela Floresta. Mais tarde, em 8 de maio de 1989, por meio de uma lei municipal, sua sede foi transferida para o então povoado de Ilha Solteira. A cidade teve seu desenvolvimento impulsionado pela construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, que movimentou um grande contingente de mão-de-obra. Essa região, carente de apoio por parte de centros maiores, precisou desenvolver uma infraestrutura mínima para a construção de alojamentos e vilas operárias para os trabalhadores. Até então, o povoado possuía uma rede urbana precária, ou quase inexistente, porque a ocupação da região foi marcada pela pecuária extensiva, pelos latifúndios, pela baixa densidade populacional e pela grande distância dos centros mais significativos (BRASIL, 2010).

Segundo publicação da Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP - 1988), a população inicial de Ilha Solteira/SP é composta por trabalhadores/as que vieram de diversas regiões do Brasil trabalhar na construção da usina hidrelétrica e ficaram conhecidos como “barrageiros”, uma vez que vieram construir a barragem. Inicialmente, antes da emancipação, Ilha Solteira era conhecida como cidade-dormitório, ou seja, foram construídas casas para abrigar os/as trabalhadores/as. É preciso destacar que a dinâmica da cidade-dormitório funcionava por meio de níveis: do nível 1 ao nível 3, ficavam os trabalhadores braçais e, do nível 4 ao 6, os engenheiros, administrativos e diretores da usina, por exemplo. Os níveis são responsáveis pelo número de quartos na casa e metros quadrados. Outro fato também é que a cidade-dormitório foi projetada em cima do mapa do Brasil, então, na região norte



ficavam as casas dos níveis 1 ao 3 e, na região sul, as casas dos níveis 4 ao 6, conforme mostra dados disponibilizado pela CESP (1988):

HABITAÇÃO		DIVISÃO SOCIOPROFISSIONAL
ÁREA (M ²)		
Nível 1	108	Operários não especializados, ajudantes, serventes, vigias e zeladores.
Nível 2	132	Profissões manuais como: carpinteiros, encanadores, bombeiros, mecânicos, feitores, pedreiros, operadores de máquinas, pintores e soldadores.
Nível 3	132	Auxiliares administrativos, chefes de turma, encarregados, mestres de obra, montadores, fiscais e laboratoristas.
Nível 4	188	Assistentes técnicos, auxiliares de serviço social, desenhistas, projetistas, encarregados de operação, de manutenção, inspetores de segurança, inspetores sanitários e professores de ensino primário.
Nível 5	300	Técnico-administrativo, ou pessoal de cargo de chefia, agrimensores, professores de ensino técnico, professores de ensino médio, orientadores educacionais e orientadores pedagógicos.
Nível 6	560	Encarregados de nível universitário, profissionais liberais como médicos, engenheiros, arquitetos, economistas, assistentes sociais.
Casas geminadas (1 a 4) 80% na zona norte		Casas Separadas (5 e 6) – 100% na Zona Sul

Fonte: Companhia Energética de São Paulo – CESP, 1988.

Com a cidade-dormitório estabelecida e, posteriormente, com sua emancipação em 1991, a ideia da divisão da moradia foi estendida a outros locais: por exemplo, no “Clube Seis” só podiam frequentar pessoas dos níveis 1 ao 3 e, no “Clube Cais”, pessoas do nível 4 ao 6 (CESP, 1988).



Essa dinâmica cidade passa, então, a se modificar com a chegada da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, que trouxe novos moradores cujo intuito eram os estudos universitários. A Praça dos Paiaguás, localizada no centro de Ilha Solteira, é um dos locais públicos mais movimentados da cidade. A movimentação desenrola-se devido a diversos fatores, como o comércio local existente, que consiste em parques, loterias, sorveterias, restaurantes, academias, bares, o Cine Paiaguás (cinema), a casa de cultura, a igreja matriz Paróquia Cristo Luz do Mundo, a biblioteca pública e o palco Concha Acústica, onde se concentra a maioria das atrações públicas do município. A cada ano, ocorre um dos principais eventos nessa praça, como o Festival de Música Popular Brasileira, durante o qual se reúnem diversos artistas renomados em âmbito regional ou nacional, habitantes locais ou de fora, de outros gêneros, etnias, classes sociais distintas, que exibem seus talentos para todos aqueles que estão presentes. O festival é um dos eventos públicos que mais concentra diversidade e representatividade na região.

Figura 2 - Praça dos Paiaguás 2023 em Ilha Solteira/SP, Brasil



Fonte: foto capturada no dia 28 de abril de 2023 pelo pesquisador.



Além do Festival de Música Popular Brasileira, na Paiaguás existem outros eventos importantes, como o Carnaval, a Virada Cultural Paulista, a FLIS (Feira Literária de Ilha Solteira), o Natal Encantado, que é marcado pelas decorações natalinas extravagantes que chamam a atenção dos ilhenses e turistas. Quando falamos sobre apropriação de espaço, a praça expõe múltiplas possibilidades. O Cine Paiaguás, por exemplo, não é apenas um cinema, mas também um espaço utilizado para outras finalidades culturais em Ilha, como exposições de obras e intervenções artísticas, feiras literárias, lançamentos de livros, eventos municipais, palestras, debates, etc.

Figura 3 - Exposição: Orgulho & Identidade - Mês de Combate à LGBTQIA+fobia: Uma Luta Coletiva Pela Existência, no Cine Paiaguás em 17 de maio de 2023. Ilha Solteira/SP, Brasil.



Fonte: foto capturada no dia 17 de maio de 2023 pelo pesquisador.



4.1 Práticas Culturais da Comunidade LGBTQIAPN+ em Ilha Solteira/SP

A cidade de Ilha Solteira apresenta uma grande diversidade representada pela comunidade. Há muitos/as estudantes que vieram de outras cidades para se graduarem na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP, todos/as carregados/as de vivências e histórias; nesses grupos, muitos jovens, de diferentes etnias e classes sociais, identificam-se com as siglas LGBTQIAPN+.

Todavia, observamos que há uma exclusão socioespacial entre as pessoas que são pertencentes à comunidade local heterossexual e os indivíduos que não se consideram parte do grupo. Desse modo, há eventos, espaços de lazer e práticas culturais que a comunidade e os outros grupos frequentam e relacionam-se em harmonia, porém há espaços que são voltados apenas a um grupo, de acordo com as atividades e o período do dia. Desse modo, esta pesquisa contribuiu para o entendimento, por meio da visão geográfica, as relações de gênero, sexualidade e poder nos espaços, pois vivemos em uma sociedade comandada pelo patriarcado, onde há uma heteronormatividade das relações e onde os próprios espaços são predominantemente dominados por esse padrão.

Iniciando-se com esse pressuposto, o estudo resultou na identificação de quais lugares são “permitidos” à comunidade foco da pesquisa, como se apropriam destes espaços em prol do próprio grupo e, conseqüentemente, como isso lhes possibilita imprimir suas marcas no espaço.

Junto a essa perspectiva, a cultura, aqui entendida como conjunto que identifica e que caracteriza determinados grupos humanos, busca a intersecção entre a abordagem cultural em geografia e as questões de gênero e poder já citadas.



Iniciando-se com este pressuposto, o estudo resultou na identificação de quais lugares são “permitidos” à comunidade foco da pesquisa, como se apropriam destes espaços em prol do próprio grupo e, conseqüentemente, como isso lhes possibilita imprimir suas marcas no espaço.

Junto a essa perspectiva, a cultura, aqui entendida como conjunto que identifica e que caracteriza determinados grupos humanos, busca a intersecção entre a abordagem cultural em geografia e as questões de gênero e poder já citadas.

Diante do exposto, a pesquisa possibilitou a compreensão dos lugares nos quais a comunidade LGBTQIAPN+ sente-se mais à vontade para vivenciar em Ilha Solteira, sabendo que o preconceito e a discriminação são elementos presentes em suas vidas. Dessa forma, buscamos compreender, por meio das relações de gênero, sexualidade e poder nos espaços, quais são as práticas culturais, especialmente em áreas de lazer, onde a comunidade é aceita para exercer seus direitos de ir e vir e, certamente, trazer indicativos daquilo que pode ser melhorado.

Por fim, na próxima seção, evidenciamos o trabalho e as tomadas de decisão para as coletas de dados, mapeamento dos locais e análises das entrevistas.

4.2 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Para Prado e Machado (2012), a cidade é um dos pontos essenciais na consolidação da cultura LGBTQIAPN+, pois é por meio de elementos urbanos (bares, clubes, saunas, cinemas, entre outros) que caracterizam o que chamamos de práticas culturais LGBTQIAPN+. Dessa forma, pensar a composição da cidade e os elementos culturais que interferiram/interferem direta ou indiretamente nas práticas cotidianas possibilita pensar a dinâmica social do município.



Conforme mencionamos anteriormente sobre a divisão dos tipos de moradias na cidade de Ilha Solteira, é importante averiguar as narrativas de pessoas LGBTQIAPN+ sobre os espaços de convivência. Assim, passamos a apresentar os sujeitos entrevistados na pesquisa. Organizamos a apresentação no formato de quadro para facilitar a visualização das informações. Como foi mencionado no início da pesquisa, objetivamos selecionar pessoas de diferentes idades e localidades, visto que as diferentes faixas etárias poderiam apresentar respostas e momentos diferentes da cidade. Além disso, também procuramos entender a profissão ou ocupação dos/as entrevistados/as, sua religião, bairro e os espaços que costumam frequentar, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 2: Dados dos Sujeitos Participantes da Pesquisa.

Participantes	Gênero e Orientação Sexual	Idade	Profissão Atual e Anterior	Religião	Bairro	Espaços de Lazer Frequentados
1. Hellena Borgys	Homem cisgênero, gay.	33	Professor e já trabalhou com produção cultural.	Não.	Recanto das Águas.	Parques, praças e bares.
2. Gaia do Brasil	Mulher cisgêner, bissexual.	23	Estudante e professora. Atuou como auxiliar administrativa.	Não.	Zona Norte.	Área de Lazer (parque), praças e a praia.
3. Morgante	Homem cisgênero, gay.	28	Estagiário do departamento pessoal. Atuou como ajudante e gerente de um pet shop, garçom, promotor de vendas e atendente de loja.	Não.	Zona Rural.	Área de Lazer (parque), bares e a praia.
4. DesiRée Beck	Homem cisgênero, gay.	31	Trabalha com mídias sociais, formado em técnico de turismo receptivo.	Sim. Catolicismo	Zona Norte.	Praia e Área de Lazer (parque).



			Atuou como atendente de loja.			
5. Frimes	Homem cisgênero, gay.	26	Estudante.	Não. Ateu.	Moradia Estudantil da Unesp. Zona Sul.	Bares, festas universitárias, eventos públicos.
6. Robytt Moon	Homem cisgênero, gay.	34	Professor.	Não.	Jardim Novo Horizonte.	Praia, praças, teatro, porto, jardins, parques, recintos, cinema.
7. Slovakia	Não-binaridade ou não-binária.	25	Atualmente é mestrando na área de gênero e sexualidade.	Não.	Zona Norte.	Bares, teatro, espaços de divulgação artísticas.

Fonte: quadro desenvolvido pelo pesquisador.

De acordo com o quadro 2, temos participantes que possuem diferentes características, desde as atividades e ocupações profissionais até as escolhas de lazer e religião. O primeiro participante, que se autoidentifica como um homem cisgênero gay, é um professor que não segue nenhuma religião atualmente, em momentos de lazer, frequenta durante o dia locais públicos, como praças, e à noite a opção são bares da cidade que oferecem bebidas, porções e músicas.

A segunda entrevistada é a única que se identifica como uma mulher cisgênero (gênero designado na nascença) entre os outros sujeitos da pesquisa e se sente atraída por pessoas que se identificam com o gênero masculino ou feminino, é mais jovem em contraste com o primeiro sujeito, declara não seguir nenhuma religião, costuma frequentar quase os mesmos espaços que o primeiro entrevistado, como também a praia e o Parque da Mantiqueira - Cidade da Criança (área de lazer).

Slovakia se identifica como um indivíduo de gênero fluido, a não-binaridade, ou seja, não se enquadra em nenhum dos padrões binários de nascença e impostos pela sociedade (mulher ou homem), sente-se livre para transitar em ambos os gêneros. A não-binaridade está atrelada à identidade de gênero e não à sexualidade, mas como faz parte de um dos ciclos de amizade



do pesquisador, sabe-se que costuma relacionar-se com indivíduos que se identificam como homens. Sobre os espaços mais frequentados, é importante destacar os locais de divulgações artísticas, como teatros e casas de cultura, que são espaços públicos onde há maior aceitação de pessoas LGBTQIAPN+, pois muitos sentem-se acolhidos e à vontade para se expressarem através da arte, cultura e compartilharem suas vivências e experiências como pessoas LGBTQIAPN+.

Optamos por utilizar as iniciais dos seus nomes, por uma questão ética e para preservar a privacidade dos entrevistados. Após coletar as devidas informações, dividimos os blocos de perguntas em dois: a) Você se sente acolhido(a) e seguro(a) nesses espaços? e b) Quais espaços de lazer e cultura que você acha que atendem a comunidade LGBTQIAPN+? Como e onde poderiam melhorar? Com isso, vamos inserir todas as respostas das entrevistas seguidas de nossas inferências e fundamentações teóricas:

Hellena Borgys: Então, quando pensamos em espaço para cultura LGBTQIAPN+, precisamos pensar que estamos em “Brisis”, porque, por exemplo: em São Paulo, na década de 1970/80, é importante ter a bandeira LGBTQIAPN+ e alguns espaços LGBTQIAPN+’s, por questão de segurança. Então, na década de 70 e 80, até 90, era muito importante ter esses espaços LGBTQIAPN+’s, para que as pessoas gays, lésbicas, bissexuais se sentissem seguras nesses espaços. Hoje, como a questão da representatividade, de uma questão do *‘pink money’*, vemos que as empresas estão aderindo não mais a bandeira como um lugar seguro, mas que aquilo seja uma representação para o público LGBTQIAPN+, então se delimitamos espaços e criamos guetos, não sei se atualmente precisamos mais fazer isso, mas o público LGBTQIAPN+ busca espaços que garante uma proteção e onde tenha um respeito à população LGBTQIAPN+.

Para Hellena Borgys, os espaços culturais para a comunidade representam um desafio que envolve diversas questões, especialmente a segurança. Todos os LGBTQIAPN+ sabem que estão sujeitos a qualquer tipo de discurso de ódio, preconceito, discriminação e violência quando saem de suas casas (muitas vezes dentro de casa também), principalmente nas décadas passadas, na qual um indivíduo considerado LGBTQIAPN+ era extremamente



marginalizado e não havia referências para que a comunidade pudesse se identificar.

A fala de Hellena Borgys demonstra uma reflexão que foi apontada por Bortoletto (2019), que afirma que as identidades são construídas através de vivências e experiências sociais, políticas e psicológicas. Também a mídia, nos dias atuais, tem colaborado para a notoriedade dessas pessoas que existem, que anseiam ser ouvidas, vistas e respeitadas por quem são, mesmo com a existência de tanta homofobia, dos poucos direitos que conquistaram, revelam que o comportamento homofóbico é eticamente questionável. Por isso, a união é fundamental para que a luta continue, para que a comunidade possa sempre conquistar mais direitos e ter o seu lugar no mundo. Trata-se de uma comunidade que tende a ser muito unida entre si justamente por passarem por situações semelhantes, criando-se redes de apoio. Em Ilha Solteira, ao longo das pesquisas, ficou evidente a formação desses grupos. Como a cidade é lugar de grande cultura universitária, existem muitos estudantes que vieram de outras regiões, que acabam morando sozinhos ou em repúblicas, sem a presença de familiares e amigos próximos. Então, esses grupos vão além de uma comunidade de sujeitos com vivências LGBTQIAPN+, mas também acabam se tornando uma grande família, com a qual reúnem-se para conversar, desabafar suas angústias, inseguranças, tomam café juntos, vão a bares, combinam de fazer festas juntos e, assim, cria-se um vasto refúgio de apoio e proteção, ao qual sentem-se pertencidos, seguros e tentam evitar a solidão.

Podemos ver um outro olhar em Gaia:

Gaia do Brasil: Acredito que aqui em Ilha Solteira todos os espaços são capazes de acolher. O grande problema não é o espaço em si, são as pessoas que ocupam esses espaços. Por mais que haja muitos eventos de cultura que acolham/falam sobre a comunidade, a população no geral não acolhe bem essas pessoas, visto que muitos LGBTQIAPN+ sentem uma limitação imensa em sua forma de agir, com medo de repressão. Medo de, por exemplo, ir à área de lazer de mão dada com seu parceiro, em uma relação homoafetiva, e receber olhares ou até palavras de desprezo. Portanto, um local se tornar inclusivo é muito simples, o problema real é intrínseco às pessoas, que não acolhem a comunidade. Resolver isso com um policiamento treinado



ajudaria, mas seria apenas uma medida para "tapar o buraco", e não para efetivamente resolver a questão. Uma mudança de mentalidade só ocorre a partir de muito trabalho de base, muito estudo, muito diálogo, e em certos casos ligados a crimes, supressão do pensamento opressor. Isso só ocorre com uma política que esteja realmente empenhada em mitigar o preconceito enraizado, e melhorar não só espaços geográficos, mas também espaços de vivência e convivência para as minorias.

Nesse relato, Gaia faz uma reflexão sobre os espaços culturais em Ilha Solteira e observamos que, por mais que existam espaços de lazer onde apresentam maior aceitação ao público LGBTQIAPN+, o ódio, a violência e discriminação não deixarão de existir se os sujeitos de fora da comunidade não os respeitam como tal. A participante ainda levanta uma reflexão a respeito do assédio que as mulheres ainda sofrem, geralmente de homens nos espaços públicos, o que revela que a pessoa que se reconhece como gênero feminino está vulnerável a assédios verbais ou físicos nesses espaços, que é um resquício da cultura patriarcal enraizada na sociedade; infelizmente, trata-se de algo extremamente presente na atualidade e que, somado a isso, há o desafio de lidar com as questões de ser uma pessoa LGBTQIAPN+ no Brasil. Oliveira (2020, s/p) aborda sobre os direitos LGBTQIAPN+:

[...]o Brasil lidera o ranking mundial de crimes motivados por homofobia ou transfobia. Diante desse fato, as bandeiras de luta do movimento precisam receber destaque e a aprovação se faz necessária. Criminalizar a LGBTFOBIA pode não ser a solução para os crimes e muito menos para o fim da discriminação. Mas é uma ferramenta de conquista da dignidade e da segurança de seres humanos, que por demonstrarem sua afetividade ou por viverem sua identidade de gênero diferente da suposta determinação da biologia sofrem agressões e assassinatos todos os dias. Desse modo, o movimento social de cidadania e direitos humanos LGBTQIA+ no Brasil, apresenta um histórico de conquistas de relevância considerável, embora possa considerá-las discutíveis em diversos âmbitos.

A próxima participante apresenta uma opinião parecida com a de Gaia sobre os preconceitos estarem enraizados nas pessoas e ainda traz a questão



de como esses estigmas discriminatórios sobre a comunidade podem ser repetidos e passados por gerações:

Morgante: Depende, acho que todo espaço é válido desde que se sintam bem e acolhidos naquele espaço. O espaço em si não precisa de melhoras, a maioria dos espaços são tranquilos, o que é necessário melhorar são as atitudes das pessoas fora da comunidade. O que é extremamente complicado, pois tem a questão da criação, da ignorância, preconceito etc. Conseguimos alguns direitos, mas ainda necessitamos de mais políticas e que as pessoas mudem a mentalidade.

Aqui, Morgante reforça a importância de mais políticas públicas para que a intolerância, a ignorância e o ódio não sejam somente combatidos, mas para mostrar à sociedade que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ indivíduos reais, com vivências, dores, lutas e que merecem ser respeitados, tendo os mesmos direitos que todos os cidadãos. Assim, Bobbio (1992, p.01) assinala que “a democracia é a sociedade dos cidadãos, e os súditos se tornam cidadãos quando lhes são reconhecidos alguns direitos fundamentais”. A respeito dos fundamentos dos direitos humanos, ele desenvolve uma discussão que, além de trazer à presente análise dados interessantes sobre o conceito de cidadania, será relevante no momento em que esta pesquisa tratar o princípio da igualdade no tocante aos direitos dos homossexuais, sobretudo porque muitos argumentos desfavoráveis à concessão de direitos a homossexuais decorrem da alegação de que a homossexualidade atenta contra a natureza humana.

DesiRée Beck: Ilha Solteira é uma cidade pequena e por isso oferece muito pouco, principalmente em investimentos de espaços propriamente LGBTQIAPN+. A representatividade importa independente de qualquer parte do mundo, é importante se sentir acolhido e ter um espaço onde você possa desabafar, ser você mesmo, sem medo de julgamentos, poder dar a mão para um companheiro(a) em público, um lugar onde possa se divertir com amigos também. Como Ilha é considerada uma cidade universitária, onde muitos estudantes são LGBTQIAPN+, muitos turistas, então para mim, faltam espaços específicos para membros da nossa comunidade.



É possível verificar na fala de DesiRée a falta de espaços específicos para comunidade LGBTQIAPN+. Essa ausência de lugares está atrelada ao fato de desejarem expressar seus afetos, como andar de mãos dadas, ouvir, ser ouvido e acolhido. O participante não cita em sua fala quais os espaços seriam esses; deste modo, é possível analisar que o mesmo observa que os espaços em Ilha Solteira não acolhem sua sexualidade a ponto de se sentir seguro para expressar sua orientação sexual. Com isso, os espaços existentes na cidade não abarcam as questões LGBTQIAPN+, segundo o participante, e isso está associado ao fato de a cidade ser “pequena” e ter poucos investimentos nas questões de gênero e sexualidade. É no contexto de tais interações que a comunicação e a metacomunicação desempenham importante papel co-constutivo no desenvolvimento da pessoa, suas características e self dialógico (BRANCO, 2006).

Frimes aponta uma outra perspectiva sobre espaços culturais em Ilha Solteira:

Frimes: Quando se fala em cultura e lazer para o público LGBTQIAPN+, a cidade e principalmente os universitários peca na diversidade, as músicas são sempre as que atendem e agradam a massa heteronormativa e nenhuma atração traz representatividade para a gente. Salvo os eventos culturais realizados pela prefeitura e governo do Estado, que são "Virada SP", "Festival de MPB" que foram os que mais trouxeram diversidade artística e cultural. Os únicos eventos universitários, das centenas que possuem, que pensam em diversidade são: Clorofilada, do CA da Biologia e Miss Bixo, realizado pelo Diretório Acadêmico da universidade. Bom, como eles poderiam melhorar? O sistema dificulta, você não tem alcance de público com artistas LGBTQIAPN+, principalmente os artistas individuais, sendo assim, sem retorno financeiro, que é o que mais buscam. Eu, infelizmente, me sujeito a vários desses eventos porque é o que tem. Acredito que falta consciência, consciência da pluralidade, falta consciência de muitas pessoas que consomem esses lugares dariam um melhor feedback se fossemos atendidos.

Frimes consegue identificar alguns espaços que trazem, ainda que precariamente, atividades para o público LGBTQIAPN+, como eventos e festas



universitárias. Como o próprio participante salienta, esses eventos são raros, ficando o mesmo sujeito a outros eventos que ele classifica como heteronormativos, ou seja, direcionados para o público hétero. O participante 5 acredita que, para que outros espaços e eventos possam surgir direcionados ao público LGBTQIAPN+, é necessário ter uma consciência plural. Claval (2004) retrata essa consciência em âmbito cultural: “As identidades individuais e coletivas são fortemente ligadas ao desenvolvimento da consciência territorial. Num tempo em que a globalização ameaça muitas identidades, a luz que a abordagem cultural põe nas relações entre identidades e território indica interessantes perspectivas de ação.”

Já Robytt faz uma crítica ao instrumento público da cidade, o teatro:

Robytt Moon: Todos conseguem atender, pois aqui há pouca diferenciação, mas o teatro da cidade poderia ser melhor com infraestrutura adequada para atender a diversidade de demanda dos diferentes grupos da cidade.

Para o participante acima, é preciso que o órgão público da cidade possa direcionar eventos que abrangem os diferentes grupos da cidade. A crítica do participante 6 é importante, pois um espaço público que oportuniza lazer para toda a população precisa também trazer eventos que possam atingir diversos grupos. Claval (2011, s/p) traz uma reflexão sobre cultura e civilização: “[...]ela caracteriza-se também pelo desenvolvimento de formas superiores de ciência, de filosofia, de literatura, de belas-artes de música.”

Slovakia acredita que os espaços de lazer e cultura da cidade em que vive são acolhedores e atendem ao público LGBTQIAPN+:

Slovakia: Acredito que a grande maioria dos espaços de lazer e cultura aqui no ambiente em que vivo, são teoricamente acolhedores e atendem a comunidade LGBTQIAPN+. O que poderia melhorar seria esses espaços de acolhimento verbalizarem para promoverem um espaço mais seguro, promover debates, diálogos, que permitam que as pessoas não realizem atitudes preconceituosas e de discriminação.



O participante 7 aponta que uma das ações para melhorar o ambiente seria os estabelecimentos verbalizarem que seus espaços atendem a diversidade, através de debates e diálogos; dessa forma, pessoas não teriam atitudes preconceituosas e discriminatórias. Uma das abordagens culturais de Claval (2002) afirma a importância da comunicação para maior compreensão de cultura: “8- A comunicação simbólica une os homens que partilham uma mesma cultura e os mesmos valores, mas, para tornar-se operacional e funcional, torna-se necessário um longo trabalho de educação e de construção do eu e do nós.”

Diante das respostas das entrevistas, passamos para as nossas inferências e fundamentações teóricas e apresentamos nossos resultados. Para identificar os participantes durante o texto, vamos utilizar a nomenclatura “Participante 1”, ou seja, iremos inserir o nome do entrevistado e a ordem conforme as entrevistas apresentadas acima.

5. DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

A cidade de Ilha Solteira (SP) foi a escolhida para a realização deste trabalho, como mencionamos anteriormente, por ser o local onde reside o pesquisador. Além disso, a constituição da cidade passou por diversos espaços que são, podemos dizer, segregacionistas. De acordo com a CESP (1988), também já citado, a cidade foi dividida, como apresentado no quadro 01, por níveis. Essa divisão também influenciou o modo como a sociedade ilhense se organiza socialmente. Quem era do nível 01 ao 03, que eram associados a cargos de baixo escalão na usina, tinha determinados lugares que poderiam frequentar na cidade, por exemplo, o “Clube Seis”. Já as pessoas dos níveis 04 ao 06 poderiam frequentar o “Clube CAIS”, que era direcionado a pessoas de cargos do alto escalão da usina (esse clube não está mais em funcionamento há anos e o prédio está praticamente abandonado). Essa divisão ainda está presente no imaginário da cidade. Assim, se inicialmente a constituição da cidade foi organizada e dividida entre a população trabalhadora, algumas questões surgiram; além disso, por ser um pesquisador que me reconheço como



membro da comunidade LGBTQIAPN+, tais questões foram decisivas para o recorte da pesquisa, tais como: com a inserção de novos moradores, a cidade passa a ser acolhedora para o público LGBTQIAPN+, já que, inicialmente, sua estrutura era pautada na divisão geográfica e social? Quais as práticas culturais desse público na cidade? Para responder a essas questões, trilhamos o seguinte caminho descrito a seguir.

Para responder a essas questões, utilizamos a observação, seguida de entrevistas semiestruturadas e relatos pessoais dos participantes. Para selecionar, analisar e problematizar as entrevistas de pessoas LGBTQIAPN+, primeiramente, realizamos uma leitura sobre a temática para compreender a história do movimento LGBT no Brasil e sua luta por direitos equânimes. Após a leitura e compreensão pelo fio da História do Movimento LGBT, passamos para a observação de espaços na cidade de Ilha Solteira e conversas informais com pessoas que se identificavam como LGBTQIAPN+. Em seguida, passamos a acompanhar os espaços de convivência, desse grupo, suas atuações pessoais e profissionais, compreendendo os modos de ser e viver em sociedade. Em outras palavras, passamos a compreender quais os sentidos e práticas de pessoas LGBTQIAPN+ em diversos espaços da cidade e como eles expressam seu gênero e sexualidade.

Por isso, articulamos essa pesquisa à área da geografia e história, pois, ao mesmo tempo que vamos investigar as práticas culturais de pessoas LGBTQIAPN+ na cidade de Ilha Solteira, a História vai conduzir o trabalho localizando os locais de fala e atuação deste grupo e suas ligações com o espaço geográfico. Para Cunha (2009), a cultura permite reconhecer as individualidades e coletividades que expressam traços culturais de um povo na forma de se organizar em sociedade.

Já a geografia e a história vão identificar os locais existentes nessas particularidades e coletivos, reconhecendo e legitimando as ações deste grupo, em nosso caso, o LGBTQIAPN+.



Em nossa pesquisa, essas características de produção e de circulação das culturas parecem convergir, satisfatoriamente, com uma pesquisa da área da geografia, escolhida por nós para investigar as relações sociais presentes nos espaços da cidade de Ilha Solteira e as questões de gênero e sexualidade. Com isso, consideramos, então, que as práticas culturais da população LGBTQIAPN+ possibilitaram pensar nas tensões ocorridas nesses locais que coproduzem existências.

Os resultados da nossa pesquisa revelam como as práticas culturais LGBTQIAPN+ são um traço marcante na formação do indivíduo com seus diferentes hábitos, costumes, valores, educação, entre outros, assim, destacando como as diferenças culturais contribuem para os modos de ser e viver em sociedade. Desta forma, é possível verificar por meio da geografia como esses passos também moldam essa cultura e suas particularidades. Nossa pesquisa buscou quais traços culturais formaram e desenvolveram neste processo a constituição de um novo público, neste caso, universitário. Em nossa pesquisa, identificamos por meio das entrevistas, como as práticas culturais estão intrinsecamente ligadas aos espaços geográficos.

Desta forma, apresentamos alguns resultados da nossa pesquisa: um dos primeiros apontamentos que podemos fazer é a ausência de espaços físicos públicos e/ou privados de lazer e cultura que se identificam com a causa LGBTQIAPN+. Essa ausência de espaços direcionados ao público LGBTQIAPN+ leva ao segundo ponto que é a insegurança da comunidade em expressar seus afetos. Mesmo que nas entrevistas apareça algum participante dizendo que os espaços são acolhedores para a população LGBTQIAPN+, mesmo assim, é possível verificar nas falas dos/as participantes que não existe nenhum lugar em que eles se sentem confiantes e seguros para poder assumir sua sexualidade.

Por isso, mesmo que os espaços possam ser acolhedores com a comunidade gay, percebemos que um local específico para este público, que se identificassem com a causa, traria mais segurança.



Outro resultado que apresentamos, é que a cidade de Ilha Solteira/SP apenas oferece eventos e/ou algum lazer apontado pelos participantes, para o público jovem. Pessoas LGBTQIAPN+ que não se enquadram no público universitário ficam a mercê de locais destinados ao público em geral. Chegamos a este resultado graças às faixas etárias analisadas em nossa pesquisa. Com isso, as práticas culturais LGBTQIAPN+ acontecem na cidade de Ilha Solteira/SP por meio de festas universitárias. Mesmo assim, isso atinge um determinado grupo.

Apontamos também, que mesmo a cidade sendo reconhecida como Estância Turística, os lugares, tais como: parques, praças e bares ainda não oportunizam uma segurança para a população LGBTQIAPN+.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa apresentada, escrevo as considerações finais sobre as minhas afetações neste percurso. Ao investigar as práticas culturais da comunidade LGBTQIAPN+ na cidade de Ilha Solteira/SP por meio da geografia pude compreender como essa área é um dos caminhos para pensar uma sociedade mais justa, igualitária e equânime. Pensar as práticas culturais me levou a compreender como a organização do espaço geográfico influencia direto e indireto no modo de ser e viver em sociedade. Isso de certo modo me afeta diretamente por ser um pesquisador que se identifica com a sigla LGBTQIAPN+. A partir disso, fui afetado por reconhecer que a organização social da cidade em que resido ainda não contempla uma dinâmica espacial de segurança e tranquilidade para a comunidade LGBTQIAPN+.

Ao tomar consciência da organização geográfica e as relações sociais que se constituem a partir da mesma, podemos apontar que existe uma relação de pertencimento individual e coletivo associado aos espaços de lazer e cultura. Essa ligação faz com que pessoas se sentem ou não seguras para expressar seu gênero e sua sexualidade. Além disso, os espaços que não contemplam ou



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



acolhem a comunidade LGBTQIAPN+ em Ilha Solteira/SP faz com que pessoas que se identificam com a sigla tenham seus afetos tolhidos.

Podemos perceber também que a cidade por estar organizada socialmente em torno da universidade, os eventos e as programações de cultura e lazer são voltados para o público jovem, abrangendo em alguns momentos práticas e cultura para o público LGBTQIAPN+. São excluídos dessas práticas pessoas LGBTQIAPN+ que não se enquadram nesta categoria “jovem”. Assim, o público adulto que não se enquadram nesta categoria citada acima, passam a frequentar espaços para o público em geral.

Por fim, é preciso destacar que pensar a geografia urbana e suas nuances na cidade de Ilha Solteira/SP direcionado ao público LGBTQIAPN+ podemos projetar uma cidade que seja acolhedora para todos e todas. Que os espaços de lazer possam ser seguros para aqueles que queiram expressar seu gênero e sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de Ilha Solteira**. 2010. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/ilha-solteira.html> > Acesso em 25 de jun. 2023.

BOBBIO, Norberto, 1992. **A Era dos Direitos**, Campus, Rio de Janeiro [original de 1990; ensaios de 1964-90]. e Sociedade, Paz e Terra, São Paulo/Rio de Janeiro [original de 1985].

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. 2019. 32 páginas. (Centro de Estudos Latino-americanos Sobre Cultura e Comunicação) - Universidade de São Paulo.

BRANCO, Angela Uchoa. Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. **Pro-posições**, v. 17, n. 2, p. 139-155, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”; “Cultura com aspas”. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CESP, Companhia Energética de São Paulo. **Fascículos de História da Energia Elétrica em São Paulo**. São Paulo: CESP, n. 2, 1988.



COLLING, Ana. Maria. Relações de poder e gênero no currículo escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: Editora da FURG, 2009. p. 77-84.

CONDE, Michele. Cunha. Franco. **O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator**, v. 1, n. 1, 2002.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 3, p. 005-024, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

ILHA SOLTEIRA. HISTÓRIA de Ilha Solteira. **Site da Câmara Municipal de Ilha Solteira**. 2023. Disponível em: <<https://www.cmilhasolteira.sp.gov.br/historia/localizacao-geografica#:~:text=A%20cidade%20de%20Ilha%20Solteira,663%20Km%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>> Acesso em 27 mar de 2023.

ILHA SOLTEIRA - SP. CARAVELA, Dados e Estatísticas. **Economia de Ilha Solteira - SP**. 2023. Disponível em: <[https://www.caravela.info/regional/ilha-solteira---sp#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,ind%C3%BAstria%20\(5%2C2%25\)](https://www.caravela.info/regional/ilha-solteira---sp#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,ind%C3%BAstria%20(5%2C2%25))> Acesso em 27 mar de 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2003.

OLIVEIRA, Wanderley Gomes. **A HISTORICIDADE DO MOVIMENTO LGBTQIA+: OS DIREITOS SEXUAIS E A DISCUSSÃO SOBRE CIDADANIA**. (Conedu – VII Congresso Nacional de Educação, Maceió/AL, 2020, p. 1 – 9, outubro de 2020.

PARANÁ. **Manual de Comunicação LGBT**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/ GayLatino, 2018. Disponível em: <<https://www.trt4.jus.br/portais/media-noticia/465957/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>> Acesso em 25 de jun. 2023.

PRADO, Marcos Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2012.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



SILVA, Joseli Maria. **Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano.** v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007.

TEISCHMANN, Kamila et al. **História do Movimento LGBT no Brasil.** Vol. 03, N. 12, Out. - Dez., 2020.